

A FORMAÇÃO DE UMA VARIEDADE SURDA DA RAÇA HUMANA: O OLHAR EUGÊNICO DE ALEXANDER GRAHAM BELL SOBRE A PESSOA SURDA

Silva, Morena Dolores Patriota da

morenadolores81@gmail.com

Pedagoga

Instituto Federal do Paraná

Brasil

Souza, Regina Maria de

reginalaghi@uol.com.br

Docente – Faculdade de Educação

Universidade Estadual de Campinas

Brasil

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar as marcas das ideias eugênicas de Alexander Graham Bell sobre a pessoa surda e a educação de surdos. Para tanto, foi realizada a análise de duas obras clássicas: *Memoir upon the formation of a deaf variety of the human race* (Bell, 1883) e *A cura da fealdade* (Kehl, 1923). Essa última obra é uma espécie de manual para orientar projetos eugênicos no Brasil; a partir dela foram elaboradas categorias para a análise da obra de Bell. As conclusões apontam para a presença, em ambas as obras, da recomendação de processos para a *normalização* da pessoa surda, bem como de mecanismos para se coibir o nascimento de novas gerações de surdos.

PALAVRAS-CHAVE

Eugenia, Educação de Surdos, Bell, Kehl.

THE FORMATION OF A VARIETY OF DEAF HUMAN RACE: THE EUGENIC VIEW OF ALEXANDER GRAHAM BELL ON THE DEAF PERSON

ABSTRACT

This study aims to demonstrate marks of the eugenic ideas of Alexander Graham Bell regarding the deaf individual and deaf education. To that end, two classic works were analyzed: *Memoir upon the formation of a deaf variety of the human race* (Bell, 1883) and *The cure of ugliness (A cura da fealdade)*, Kehl, 1923). The latter is a manual to guide eugenic projects in Brazil; from it we draw categories for the analysis of Bell's work. The conclusions indicate the presence in both works of recommendation of normalization processes of the deaf individual, as well as mechanisms to prevent the birth of new generations of deaf persons.

KEYWORDS

Eugenics, Deaf Education, Bell, Kehl.

INTRODUÇÃO

O termo eugenia vem do grego e significa *bem nascido*. No campo das ciências da vida, a palavra *eugenia* foi introduzida por Francis Galton. Para inventá-la, inspirou-se na tese da evolução humana proposta por seu primo, Charles Darwin. Galton postulava que os cientistas e a população poderiam criar mecanismos mais rápidos para favorecer o aparecimento de seres humanos com características *melhores* (sem deficiência, mais resistentes biologicamente, mais inteligentes, heterossexuais etc.) a partir de ações que impedissem ou corrigissem as *anormalidades*. Sob o argumento científico e médico, a eugenia teve grande expansão mundial; sua face mais cruel foi escancarada ao mundo com o genocídio promovido por Hitler na Segunda Guerra Mundial. Desde lá, a palavra *eugenia* tornou-se uma palavra tabu, embora práticas eugênicas ainda perdurem em nossos dias, de modo mais ou menos velado (Diwan, 2007).

De acordo com Stancik (2006), essa expansão alcançou também o Brasil, sendo o médico Renato Kehl um incansável defensor da eugenia. Seu livro *A cura da*

fealdade (1923) é um manual clássico sobre a eugenia e como praticá-la. Nesse livro, expõe seu pensamento e as premissas eugênicas, com o objetivo de divulgar a eugenia e possibilitar o *aprimoramento da espécie humana* (Kehl, 1923).

O movimento eugênico seduziu diversos intelectuais pelo mundo no final do século XIX e início do século XX; Alexander Graham Bell foi um deles. Proeminente inventor americano, era apaixonado pelo tema da educação de surdos tendo sido, também, professor de surdos. Sua relação com a surdez tinha origem materna: sua mãe era surda e escolheu como esposa uma mulher igualmente surda. Bell foi considerado, em sua época, um dos grandes defensores da eugenia, tendo sido: vice-presidente do *Primeiro Congresso Internacional de Eugenia* e integrante do *Conselho de Diretores Científicos* inaugurado pelo *Escritório de Registro Eugenista*, em 1912; diretor do referido escritório nos anos de 1914-1916 e presidente honorário do *Segundo Congresso Internacional de Eugenia* em 1921 (Black, 2003).

Tendo em vista a importância desse educador e sua influência no desenvolvimento da educação de surdos, o presente artigo tem como objetivo identificar algumas marcas eugênicas na obra *Memoir upon the formation of a deaf variety of the human race* (Bell, 1883), a fim de compreender seus efeitos nos princípios estabelecidos para a educação de surdos no final do século XIX. Para analisar as marcas eugênicas nas prescrições de Bell, foram considerados: a) os parâmetros de *beleza* e de *fealdade*, b) as ações para alcançar a beleza e atenuar a fealdade, tal como se lê em *A cura da fealdade* (Kehl, 1923).

Com base nesses critérios, foi construído o Quadro 1:

Definição de *beleza* e *fealdade* segundo critérios eugênicos (Kehl, 1923)

	BELEZA SEGUNDO CRITÉRIOS EUGÊNICOS (KEHL, 1923)	FEALDADE SEGUNDO CRITÉRIOS EUGÊNICOS (KEHL, 1923)
CAUSA	<u>Hereditariedade</u>	<u>Hereditariedade, Doenças</u>
CARACTERIZAÇÃO	Normalidade: Perfeição física, moral, psíquica e intelectual. Harmonia entre a perfeição somática e	Anormalidade: desarmonia entre perfeições e imperfeições físicas, morais, psíquicas e intelectuais, desvios sexuais.

	psíquica. Indivíduos saudáveis, fortes, belos e robustos. Sujeitos heterossexuais. Bom funcionamento de todos os órgãos.	Indivíduos doentes, deficientes, mau funcionamento de algum órgão, função ou sentido.
	<u>Graciosidade</u> : movimentos graciosos, proporcionalidade (de peso e tamanhos), formatos, texturas, simetria ideais.	<u>Desgraciosidade</u> : desarmonia, desproporção, deformações.
AÇÕES PROPOSTAS	<u>Educação</u>	<u>Educação</u>
	Cultivar a beleza: realização de exercícios físicos, boa alimentação, higiene, educação eugênica.	Curar ou atenuar a fealdade: procedimentos médicos e cirúrgicos, maquiagem, plásticas, educação.

Quadro 1 – Fonte: primeira autora do presente artigo.

FORMAÇÃO DE UMA VARIEDADE SURDA DA RAÇA HUMANA

Alexander Graham Bell foi descrito por Black (2003, p. 101) como sendo “[...] famoso por ter inventado o telefone e pela pesquisa sobre surdez, mas também um dedicado criador de ovelhas e um *ardente eugenista*” (grifos das autoras).

Seu avô era professor de retórica e elocução para atores de teatro; seu pai, instrutor de surdos, criou o método *Fala Visível*, “[...] um conjunto de símbolos, cada qual representando a posição da boca na pronúncia das vogais e consoantes” (UOL Educação, 2014).

O livro *Memoir upon the formation of deaf variety of the human race* foi escrito por Graham Bell e teve sua primeira publicação em língua inglesa em 1883¹. Nesse livro, faz uma relação entre o aumento do número de indivíduos surdos e o casamento de surdos entre si. Segundo ele, esses casamentos aumentariam a probabilidade do nascimento de surdos e a expansão da língua de sinais. Segundo ele, a

atração sexual, muitas vezes, parece operar de maneira semelhante à atração magnética: *polos opostos se atraem, iguais se repelem*. Homens fortes, vigorosos e robustos normalmente se sentem atraídos por mulheres fracas, delicadas e frágeis, e geralmente repelem características físicas fortes e traços masculinos no sexo oposto. Mesmo com relação às características como a cor do cabelo e dos olhos, é frequente que os diferentes se atraiam. Afirmava ser razoável supor que o casamento contínuo entre parentes, que possuíssem defeitos congênitos e/ou com vitalidade reduzida e/ou falha em sua constituição, resultaria, após um número de gerações, na produção de uma raça defeituosa da espécie humana (Bell,1883).

Segundo Bell (1883), determinadas características esporádicas poderiam ser transmitidas e perpetuadas através da hereditariedade. Quando feita uma seleção adequada e repetida durante gerações de uma característica, com indivíduos que possuíssem essa característica de nascença e que se casassem entre si, provavelmente perpetuariam essa característica para sua descendência.

Diante dessa constatação, ele afirmou que, nos Estados Unidos, de acordo a análise que fez das fichas de estudantes para *surdos e mudos*² americanos matriculados em escolas de surdos, entre 1833 a 1883, estaria havendo uma influência seletiva no traço da surdez, tendo como consequência o aumento do número de *surdos-mudos*:

Por mais inexatos que os relatórios dos casamentos dos surdos possam ser, fica bem evidente: (1) que há uma tendência entre os surdos e mudos de escolherem surdos-mudos para seus parceiros no casamento; (2) que esta tendência tem sido exibida nos últimos quarenta ou cinquenta anos, e (3) que, portanto, existe a possibilidade de que essa escolha de surdos pelos surdos continuará no futuro. Fica evidente, então, que nós temos que considerar aqui, não um fenômeno efêmero, mas um caso de seleção contínua (Bell,1883, p. 19)³.

A aposta na hereditariedade como uma das causas principais da *anormalidade* também está presente na obra de Kehl, *A cura da fealdade*, na qual afirma que:

[...] a fealdade não é atributo natural da especie humana; corresponde a um desequilíbrio provocado por diversas

causas, taes como a doença e a degeneração. Pela acção da primeira se fica feio; pela acção da segunda se nasce feio. [...] A fealdade é um effeito, e não um effeito sem causa (1923, p. 193, citação conforme as regras ortográficas do português da época).

De acordo com Kehl (1923), o termo *fealdade* deve ser encarado a partir do ponto de vista *galtoniano*, como sendo relativo à anormalidade, à morbidez; e o termo *beleza*, como se referindo à saúde integral. A respeito da *fealdade*, Kehl (1923, pp. 7-8) afirma que:

[...] a fealdade é um mal extremamente generalizado; que ella tanto pode ser physica, moral, como psychica ou intelectual; finalmente, que a fealdade não é um fruto expontaneo da natureza, e, nestas condições, apresenta causas determinantes que são, não só combatíveis, como evitáveis.

Suas causas poderiam ser extrínsecas, intrínsecas ou hereditárias. As causas extrínsecas seriam produzidas pelo ambiente e pela sociedade, seja a temperatura, luz, agentes químicos, intoxicações etc. As causas intrínsecas seriam as funcionais e as constitucionais, ou seja, as patologias (Kehl, 1923).

Já as causas hereditárias constituir-se-iam na transmissão genética, de pais para filhos, de *taras* e *degenerações*. Através da descendência, os indivíduos transmitiriam suas características, sejam normais ou mórbidas, para as gerações seguintes (Kehl, 1923). A fealdade seria efeito da má condição dos progenitores, assim como de doenças, deficiências e vícios destes (Kehl, 1923).

Bell (1883) estudava o traço da surdez e os desafios de sua transmissão se a meta a ser almejada pelo Estado fosse a unificação americana por meio da adoção exclusiva da língua inglesa.

Considerando os relatórios de instituições de educação de surdos dos Estados Unidos (Nova Iorque, Ohio, Indiana, Hartford e Illinois), Bell (1883) afirmou ser possível verificar que os alunos *surdos-mudos* pertenciam a famílias que possuíam, pelo menos, entre cinco e seis *surdos-mudos*. Muitas vezes, esses surdos, quando cresciam, acabavam se casando com pessoas de famílias que também possuíam vários

descendentes *surdos-mudos*, levando ao desenvolvimento de ligações de sangue e casamento entre famílias de *surdos-mudos* (Bell, 1883).

Para mostrar a vinculação entre surdez e hereditariedade, Bell (1883) realizou diversos tipos de pesquisas. Iniciou a partir da análise das listas simples com nomes dos alunos matriculados em diversas instituições para surdos, percebendo muitos sobrenomes em comum, o que mostraria que uma considerável proporção dos *surdos-mudos* dos Estados Unidos pertenceria a famílias que possuíam mais de um filho surdo. Logo, os indivíduos pertencentes a essas famílias, mesmo os que não fossem surdos, possuiriam tendências hereditárias à surdez.

Bell (1883) citou Dr. Harvey L. Peet, que afirmou:

[...] os irmãos e irmãs dos surdos e mudos são tão passíveis de terem filhos surdos e mudos quanto os próprios surdos-mudos, supondo que cada um deles se case com membros de famílias que não mostraram predisposição à surdo-mudez (Bell, 1883)⁴.

De acordo com Bell (1883), era importante determinar até que ponto foram realizados casamentos entre surdos nos Estados Unidos. Mas os relatórios disponíveis não permitiram chegar a uma conclusão exata, apenas demonstravam que o número era crescente. Como exemplo, cita que 654 alunos do *Refúgio Americano* e da *Instituição de Illinois*, provavelmente, haviam se *casado com surdo e mudo*, mas não havia dados suficientes em suas fichas, como os nomes dos cônjuges ou a causa da surdez, para uma conclusão definitiva (Bell, 1883).

Para Bell (1883), o cálculo do número de descendentes *surdos-mudos* não seria possível, pois, se uma surda constasse no relatório como casada com *surdo-mudo* e com três filhos, e um surdo constasse como casado com uma *surda-muda* e com três filhos, mas não constasse o nome do cônjuge, não seria possível afirmar se eles eram casados entre si ou não, o que traria a dúvida se seriam três ou seis crianças (Bell, 1883).

Outra pesquisa realizada por ele foi com base no censo da época. Por esse censo, nos Estados Unidos havia 33.878 *surdos-mudos*, ou seja, em cada 1500 pessoas americanas uma era *surda-muda*. Se a proporção de descendentes *surdos-mudos* nascidos de pais *surdos-mudos* fosse a mesma que a da população geral, então não

haveria mais do que 23 *surdos-mudos* filhos de *surdos-mudos* no país. Mas, segundo ele, havia mais (Bell, 1883).

De fato, a partir dos registros de matrículas nas instituições para surdos, percebeu que esse número era bem maior: 215 crianças. Mas, ao mesmo tempo, segundo Bell (1883), seria necessário pensar que os alunos surdos, normalmente, eram admitidos nas instituições entre os 10 e os 12 anos de idade ou ainda mais velhos. Em conclusão, esse número poderia ser muito maior, pois uma quantidade expressiva de surdos poderia ainda não ter sido identificada pelo fato de os surdos não estarem matriculados em escolas. Mesmo considerando que não fossem mais que 230, ainda seria uma proporção dez vezes maior do que a da população geral prevista pelo censo, ou seja, 1/1500. Segundo ele, “[...] é certo que a proporção de descendentes surdos-mudos nascidos de pais surdos e mudos é muitas vezes maior do que a proporção dos descendentes surdos e mudos nascidos da população geral” (Bell, 1883, p. 27). Dessa forma, reiterou a tese de que a principal causa da surdez era a hereditariedade.

Bell (1883) lamentava o fato de não ser possível controlar o casamento dos homens da maneira como se pode controlar o cruzamento dos animais para melhorar a prole, por conta da impossibilidade de ditar ao homem e à mulher com quem deveriam se casar:

Nós temos boas razões, portanto, para temer que o casamento entre os surdos-mudos congênitos, mesmo que a surdez em ambos os casos possa ser esporádica, resultaria em muitos casos, na produção de filhos surdos (Bell, 1883, p. 12)⁵.

O lamento de Bell (1883) é enfrentado de maneira diferente por Kehl (1923), que enfatizava a importância da educação eugênica para uma escolha racional do parceiro, ou da parceira, em prol do progresso coletivo, do bem comum e do livramento das imperfeições da humanidade. Desde cedo, os estudantes deveriam ser ensinados, em suas famílias e nas escolas, a como escolher seus pares quando adultos, a fim de participarem do *nobre* projeto coletivo de melhoria da própria raça. Segundo ele, “a mór parte dos noivos ignora que o casamento além de ser a união de dois corpos, o accôrdo de duas intelligencias, a fusão de duas almas [...] é a realização de um acto de interesse vital para a humanidade” (Kehl, 1923, pp. 208-209).

Uma outra alternativa seria a proibição de casamento entre indivíduos *degenerados*, podendo ser relevada, apenas, caso o casal se submetesse a esterilizações prévias ao casamento, no intuito de prevenir uma prole indesejada (Kehl, 1923).

Para que esse objetivo pudesse ser alcançado, tais esterilizações deveriam ser compulsórias e permanentes, não poupando nenhum indivíduo com tais características e colocando a surdez no rol das *degenerações* (Kehl, 1923).

Segundo Bell (1883), *a sociedade estava tendo ações que, mesmo não intencionalmente, levavam à formação de uma variedade surda de raça humana*. A primeira ação, de acordo com ele, consistiria na permissão da criação de instituições para *surdos-mudos*, que estariam levando estes a casarem entre si. Afinal, nessas instituições, normalmente internatos, eles ficavam isolados dos ouvintes, obstruindo a relação com pessoas que ouviam e compelindo-os a se associarem exclusivamente entre si.

A segunda ação seria a sociedade não colocar obstáculos na fundação de associações de surdos, que também trariam, como consequência, a relação quase exclusiva entre eles. A própria criação dessas associações, de certa forma, teria sido incentivada pelas instituições de ensino de surdos, que propiciaram a *união inicial do grupo*.

A terceira ação seria permitir a expansão da língua de sinais que, na opinião do autor, teria possibilitado uma maior aproximação entre os surdos, por conta de terem uma forma de pensar semelhante, baseada nos sinais, e pela facilidade da comunicação entre si, possibilitando que eles passassem a ver o idioma de seu país como uma língua estrangeira (Bell, 1883).

A quarta ação seria a sociedade não estar atenta à possibilidade de criação, pelos surdos, de uma língua escrita mais simplificada e não vinculada aos sons, semelhante aos hieróglifos egípcios. O uso de uma língua escrita, baseada nos sinais, levaria a uma maior aproximação dos surdos, e, ao mesmo tempo, à *segregação*⁶ dos surdos em relação às comunidades falantes e ouvintes. Uma língua escrita de sinais já teria sido desenvolvida pelo irlandês George Hutton e não havia sido publicada em razão de sua morte. Bell (1883) preocupava-se com o fato de que a *Convenção Americana de Indianápolis de Instrutores de Surdos e Mudos*, com o apoio do filho de Hutton, estava buscando recuperá-la.

A última ação seria a existência de preconceito dos ouvintes contra os surdos por conta de ideias errôneas que levavam os ouvintes a temê-los e a evitá-los, por considerá-los perigosos, rabugentos e mal-humorados (Bell, 1883). O preconceito dos ouvintes levava, circularmente, os surdos a preferirem a segregação.

Vale a pena ser feito um parêntesis para assinalar que, há uns 13 anos atrás, o médico Ítalo Carvalho⁷ (2003), na *Revista do Conselho Federal de Medicina*, descreveu o surdo como um indivíduo mal-humorado, desconfiado, sensível, tristonho, solitário, tímido, com alterações de caráter, distúrbios psíquicos e morais e frustrado pela ausência da audição; e, pior, afirmando que a falta da audição impossibilitaria qualquer contato que fosse *verdadeiramente humano*. Como se nota, o preconceito ainda insiste em se manter em nosso tempo.

Bell (1883) se preocupava com a consolidação de uma comunidade surda americana em decorrência do preconceito e do sofrimento que enfrentavam os surdos. E esse seu receio não era infundado.

Segundo ele, no final do século XIX, nos Estados Unidos, *diversos surdos e mudos* (terminologia adotada por Bell em seu livro) iniciaram discussões para a formação de uma comunidade *surda e muda*. Tal ideia teria se originado do Monsenhor Laurent Clerc, do *Asilo Americano para Surdos e Mudos* em Hartford, que teria comentado com alguns ex-alunos que a instituição tinha recebido uma doação de terra do Congresso e que seria um plano bom vender parte da terra para auxiliar a instituição e o restante deixar para ser um local para onde os surdos pudessem se mudar quando terminassem os estudos.

Essa ideia foi abraçada pelos alunos e teria dado origem a vários projetos independentes, classificados por Bell (1883) como *excêntricos*, para a formação de uma comunidade *surda e muda*.

“Então, vários anos mais tarde um surdo e mudo incitou publicamente a formação de um povo surdo e mudo. Teria pedido ao Congresso, a formação de um Estado ou território surdo e mudo [...]” (Bell, 1883, p. 45)⁸. De acordo com Bell (1883), tal projeto já estaria presente entre diversos grupos de surdos dos Estados Unidos. Uma preocupação para a aplicação do projeto seria a seguinte:

Foi instado que a afeição natural dos pais levaria à distribuição da terra entre seus filhos e que, como a maioria de seus filhos podia falar e ouvir, a terra logo

ficaria fora do controle dos surdos e mudos. Isto deveria ser remediado de várias maneiras – como, por exemplo, pela legislação – para assegurar descendência só da linhagem surda e muda (Bell, 1883, p. 45)⁹.

Segundo o autor, a comunicação desses pensamentos se deu, em especial, através do jornal *American Annals of the Deaf*. Bell (1883) afirmou que o projeto que recebeu maior aprovação propunha que os surdos e mudos ricos comprassem uma grande terra e vendessem partes menores para outros surdos.

Tal projeto foi discutido em uma convenção dos surdos-mudos da Nova Inglaterra, tendo sido derrubado pela influência do Reverendo W. W. Turner, Sr. Laurent Clerc e por alguns surdos, classificados por Bell, como mais inteligentes: Desde então, o assunto não foi mais discutido publicamente, que eu saiba; mas tal projeto ainda é favorecido por indivíduos surdos e mudos, e pode, portanto, ser reavivado de uma forma organizada a qualquer momento (Bell, 1883, p. 45, tradução livre)¹⁰.

Diante da tendência de os surdos se associarem entre si, Bell (1883) enfatizava a necessidade de essa inclinação ser neutralizada tendo em vista que “sob tais circunstâncias, nós podemos antecipar que bastariam pouquíssimas gerações para o estabelecimento de uma raça permanente dos surdos e mudos *com língua e literatura próprias*” (Bell, 1883, p. 44, grifo das autoras)¹¹. Destacou que, para diminuir essa tendência, seriam necessárias medidas corretivas – fossem elas repressivas ou preventivas.

Em relação às medidas repressivas, ele propôs a interferência legislativa, através da proibição de casamentos entre surdos, entre surdos congênitos e entre surdos com pessoas que tivessem parentes surdos, mas percebeu que seria muito difícil que tais leis fossem eficazes.

Já sobre as medidas preventivas, ele considerou que seria o método mais promissor, afirmando que, na busca por essas medidas, seria necessário, primeiramente, detectar quais eram as causas que promoveriam os casamentos de *surdos-mudos* entre si, para, em seguida, removê-las (Bell, 1883).

De acordo com ele, as escolas de surdos favoreceria a aproximação de surdos entre si e, portanto, deveriam ser evitadas. Segundo ele:

É um fato significativo que “antes dos surdos e mudos serem instruídos, poucos deles, comparativamente, casavam-se”; e os casamentos entre si (se é que existiam) eram tão raros que mal se sabia a respeito. Isto nos faz pensar que os casamentos dos surdos e mudos entre si tenham sido, de alguma maneira, promovidos pelos métodos de ensino (Bell, 1883, p. 41)¹².

Em relação à educação de surdos, Bell (1883) defendeu que a articulação e a leitura labial deveriam ser ensinadas a todos, citando como exemplo a Alemanha. Ele lamentou que na América estivesse sendo diferente: de acordo com ele, dos professores de *surdos-mudos*, aproximadamente um terço seria também *surdo-mudo*, o que aumentaria a possibilidade de associação de surdos a surdos e a utilização da língua de sinais, prejudicando o desenvolvimento da fala.

Portanto, segundo Bell (1883), deveria ser evitada a contratação de professores *surdos-mudos* e o uso de sinais, pois eram fatores que prejudicariam a aprendizagem da articulação, e a ausência da articulação seria um dos principais fatores de *segregação* do *surdo-mudo*:

[...] a segregação dos surdos e mudos, *o uso da língua de sinais e o emprego de professores surdos produzem um ambiente que é desfavorável ao cultivo da articulação e da leitura discursiva*, e algumas vezes causa o desuso da fala por alunos que são somente surdos, mas que podem falar (Bell, 1883, p. 48, grifos das autoras)¹³.

De acordo com Bell (1883), a educação deveria ser guiada pelo princípio de conservar, durante o período de educação, um ambiente *normal*, possibilitando ao *surdo-mudo* o convívio com ouvintes e evitando adaptações, para que ele pudesse se integrar à sociedade. *Seria importante que as escolas fossem pequenas e que, de preferência, não possuíssem mais de um surdo*, propiciando maior contato da criança surda com os ouvintes, ou seja, a *coeducação*. *Entretanto, em um âmbito grande não seria possível essa aplicação, pois seria necessário alterar os métodos utilizados para os ouvintes*, e tais mudanças não aconteceriam para beneficiar um pequeno número de surdos.

Ao mesmo tempo, ele afirmava que a *coeducação* seria possível, pois os surdos poderiam ter acesso às informações através da visão (leitura labial e observação de imagens) em escolas comuns, nas mesmas salas das crianças ouvintes; e, nas disciplinas voltadas à linguagem, eles teriam um atendimento especializado, separadamente dos ouvintes em salas de, no máximo, dez alunos surdos:

Por exemplo, os surdos e mudos poderiam entrar nas mesmas salas em que entram as crianças que ouvem e tirar proveito delas, praticando escrita, desenho, desenho de mapas, aritmética no quadro negro, costura, etc. Métodos especiais de instrução seriam necessários para outras matérias, e isso exige o emprego de professores especiais. No entanto, eles não precisam de escolas ou prédios especiais, e uma pequena sala em uma escola pública acomodaria tantos alunos surdos quantos o professor pudesse instruir com sucesso¹⁴. (Bell, 1883, pp. 46-47)

Em resumo, a extinção ou a não proliferação das escolas de surdos evitaria a formação de um povo surdo. Para isso, seria necessário alterar o formato das instituições escolares; as escolas deveriam promover o contato dos estudantes surdos com seus pares ouvintes, garantir a aprendizagem da oralidade e da leitura labial para que eles pudessem viver, sem sofrerem preconceitos, em um mundo harmoniosamente falante e ouvinte.

AMARRANDO ANÁLISES: EM CENA BELL E KEHL

A análise a seguir tem como objetivo conferir concisão às discussões que foram feitas até aqui sobre a estreita vinculação entre as ideias de Bell (1883) com as teses eugênicas expostas e defendidas por Kehl (1923), a partir do Quadro 1, construído com base em descrições e definições de fealdade e beleza apresentados por Kehl (1923) em sua obra.

Tanto Kehl (1923) como Bell (1883) apostavam na hereditariedade como a principal causa do aparecimento de sujeitos anormais ou com degenerescência. Tanto um como o outro, com base na hereditariedade, embasaram a defesa da não propagação da surdez, embora apostando em práticas distintas.

Kehl (1923) defendia a educação eugênica como estratégia de conscientização dos futuros adultos. Caso a educação não vencesse o desejo, propunha a proibição de casamentos considerados inapropriados e as esterilizações compulsórias de pessoas ditas *degeneradas*, ou seja, que possuíssem alguma anormalidade física, psíquica e/ou moral. O controle dos casamentos deveria ocorrer através de exames pré-nupciais de sanidade, para a comprovação da normalidade de ambos os cônjuges.

Bell (1883) cogitou a possibilidade de proibir casamentos de surdos com surdos ou com parentes de surdos, mas considerou que não seria a melhor alternativa, pois os levaria a se relacionar fora do casamento, o que não resolveria o problema. De acordo com Bell (1883) seria necessário detectar as causas que propiciavam a união marital entre surdos e investir na alteração dessas causas. Segundo ele, entre as possíveis causas estariam: a “(1) segregação por motivos de educação, e (2) o uso de uma língua que é diferente da língua das demais pessoas, como maneira de comunicação” (Bell, 1883, p. 46)¹⁵.

Ele propõe as seguintes ações para diminuir, ou evitar, as causas que estimulariam o casamento entre surdos:

- a) Coibir a abertura de "*escolas segregadoras*";
- b) Não oferecer incentivos à existência de associações de surdos;
- c) Desestimular o uso da língua de sinais;
- d) Envidar esforços para evitar o desenvolvimento da escrita de sinais;
- e) Combater o preconceito da sociedade em relação aos surdos por meio de uma educação apropriada (com estimulação da leitura labial, da oralidade e da escrita) e que os fizesse ascender a posições sociais e de aquisição de conhecimento equiparáveis a seus pares ouvintes. Bell defendia a *coeducação*¹⁶, entendida por ele como a educação formal de surdos no mesmo espaço escolar das crianças ouvintes, ainda que com algumas alterações, pois “[...] a coeducação completa só seria possível por meio da mudança dos métodos usados para ensinar as crianças que ouvem” (Bell, 1883, p. 46)¹⁷.

Em relação à oralização, Bell (1883) afirmava que a língua de sinais não era natural, nem para as crianças surdas, nem para as ouvintes e não era entendida pelo surdo, até este entrar na instituição escolar e aprendê-la. Ao mesmo tempo, segundo ele, *os ouvintes não conseguiriam se tornar suficientemente familiarizados com essa língua*,

para qualificarem-se como professores, a menos que residissem pelo menos um ano em uma instituição de “surdos-mudos”¹⁸. Mas esse argumento nos parece frágil – afinal, tanto a língua oral como a língua de sinais são socialmente construídas e adquiridas. A língua oral não é inata, nem é despertada mediante a ativação automática da audição. Não sendo entendida pelo bebê de imediato, a língua oral, assim como a língua de sinais, para ser aprendida pela criança, necessita de outros seres humanos como mediadores (Vygotsky, 1998).

Embora compreendesse a complexidade semiótica do sistema de sinais, Bell (1883) defendia que a prática da língua de sinais atrapalharia a aprendizagem da língua oral e, finalmente – e é essa a grande ênfase dele –, faria com que os *surdos-mudos* se relacionassem apenas entre si na vida adulta e que evitassem o contato com ouvintes, fazendo com que ocorresse o aumento dos casamentos entre surdos, “propagando seu defeito físico” (Bell, 1883, p. 44)¹⁹.

A busca pela oralização do surdo no intuito de diminuir a incidência de casamentos de surdos entre si, defendida por Bell, era uma maneira de controlar os casamentos de surdos e o crescimento da população surda através da hereditariedade.

Kehl (1923) foi mais radical do que Bell. De fato, enquanto Bell (1883) colocou-se contra o casamento entre surdos e também de surdos com parentes ouvintes de surdos, Kehl (1923) considerava não apenas a importância da educação eugênica e o controle de casamentos, mas defendia a esterilização compulsória de pessoas que tivessem qualquer tipo de doença ou deficiência ou que tivessem gerado um descendente com deficiência.

Entre os indivíduos destacados por Kehl (1923) para esterilização, estariam incluídos os surdos congênitos ou hereditários: “a esterilização deve ser indicada nos casos de cegueira e surdo-mudez congênita ou hereditária, na epilepsia, idiotismo ou quando o casal já tenha tido um filho com desordem *psychica* ou *somatica*” (Kehl, 1923, pp. 263-264). A esterilização era defendida por ele como um dos mecanismos utilizados pela ciência para o alcance da saúde integral e, de acordo com Kehl (1923), um dos pilares importantes para se alcançar a purificação da raça a partir da hereditariedade.

A educação seria um fator de grande importância, pois a escola, sendo um local de normalização (Foucault, 1987), possibilitaria a consolidação dos preceitos

eugênicos e a conscientização dos estudantes da importância da proposta eugênica para o bem coletivo.

Para Kehl (1923) as funções da escola seriam:

- a) ensinar os princípios da eugenia e ações que possibilitariam que os indivíduos se mantivessem belos e saudáveis;
- b) possibilitar a valorização dos costumes saudáveis e moldar os indivíduos belos para que se casassem com indivíduos do mesmo nível, de maneira a proteger a prole;
- c) ensinar o padrão eugênico de beleza. Os alunos deveriam ter como foco alcançar e manter tal padrão em si, na espécie e em sua descendência.

Segundo Bell (1883), a educação teria grande importância no desenvolvimento dos sujeitos e seria um fator determinante na formação dos surdos, podendo segregá-los ou integrá-los à sociedade, de acordo com os preceitos e a constituição da escola. Segundo ele, pela oralização do surdo e com uma educação que ocorresse junto com os alunos ouvintes, seria possível que o surdo se relacionasse com todos, e em especial, com os ouvintes. O surdo aprenderia a falar e a escrever o inglês e a realizar leitura labial, facilitando a comunicação com os ouvintes.

Já uma escola apenas para surdos, que possibilitasse o desenvolvimento da língua de sinais, levaria os surdos a unirem-se entre si e a afastarem-se dos ouvintes, por conta da dificuldade de comunicação com estes, agravando ainda mais o isolamento dos surdos (Bell, 1883). Tenderiam a sinalizar mais do que a usar o idioma inglês. Nesse ponto cabe enfatizar que os Estados Unidos viviam uma tensão política grande, decorrente do fluxo migratório e dos povos anexados ao território americano falantes do espanhol. A língua inglesa era o elo de uma cadeia a ser reforçado para a manutenção da identidade americana (Bruce, 1990).

Bell (1883) defendia a oralidade dos surdos, por considerar que a partir dela seria possível a superação dos preconceitos que havia contra os surdos, como serem entendidos como ignorantes ou possuidores de uma monstruosidade biológica. Ele afirmou que a partir da oralização seria melhorado o contato entre os surdos e os ouvintes, possibilitando a superação deste preconceito.

Kehl (1923) afirmou que a sociedade acreditava, erroneamente, que a fisionomia refletiria o psiquismo e a moral e que uma pessoa sem atributos de beleza física agregaria, além de *feiura*, desvios psíquicos e/ou morais. Mesmo não

concordando com tal perspectiva, ele defendeu que, para evitar tais julgamentos por parte da sociedade, seria importante buscar recursos para aproximar-se do *belo* e atenuar a fealdade. Nos casos em que a *fealdade* não pudesse ser curada ou prevenida, seria importante aproximar o máximo possível os indivíduos da normalidade (*beleza*), atenuando a *fealdade* a partir de plásticas, maquiagem, educação, cirurgias, além de outras ações, ou seja, se a harmonia não fosse natural poderia ser alcançada a partir de intervenções que atenuassem a fealdade e promovessem a graciosidade.

Entretanto, destacava que apesar de ser possível atenuar a fealdade, seria uma ação recomendada em último caso, se a prevenção e a cura não foram possíveis. Sendo importante destacar que continuava sendo necessário o cuidado com a seleção dos casamentos e os exames pré-nupciais, no intuito de não propagar a degeneração (Kehl, 1923).

A posição de Kehl (1923) e de Bell (1883) se aproximam na medida em que incentivar a oralização do surdo – para torná-lo parecido com os ouvintes e diminuir o preconceito – nada mais é do que *atenuar a fealdade*, amenizando as características que evidenciam a ausência de uma função orgânica: a falta de audição. Os implantes cocleares, atualmente, são ações legitimadas e incentivadas para que esse propósito possa ser facilitado. Embora saibamos que o implante coclear não transforma uma pessoa surda em uma pessoa ouvinte.

Ao mesmo tempo, a posição de ambos se separa no momento em que, para Kehl (1923), um dos fatores de constituição da fealdade é a ausência de uma função orgânica. Em Bell (1883), nem a surdez nem a língua de sinais foram tratadas como *fealdade*, mas como fatores que poderiam levar a uma divisão política, ou social, entre surdos e ouvintes.

A busca em normalizar as pessoas, que fogem ao padrão considerado normal em uma época, permanece até os dias de hoje. Segundo Silva (2006),

[...] o corpo fora de ordem, a sensibilidade dos fracos, é um obstáculo para a produção. Os considerados fortes sentem-se ameaçados pela lembrança da fragilidade, factível, conquanto se é humano. As pessoas com deficiência causam estranheza num primeiro contato, que pode manter-se ao longo do tempo a depender do tipo de interação e dos componentes dessa relação [...]. O

preconceituoso afasta esse “outro”, porque ele põe em perigo sua estabilidade psíquica. Assim, o preconceito cumpre também uma função social: construir o diferente como culpado pelos males e inseguranças daqueles que são iguais (Silva, 2006, p. 426).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bell, A. G. (1883). *Memoir upon the formation of a deaf variety of the human race*. New Haven: National Academy of Sciences. Recuperado em 20 de julho de 2013. Recuperado em:
https://ia700702.us.archive.org/21/items/gu_memoirformati00bell/gu_memoirformati00bell.pdf
- Black, E. (2003). *Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa.
- Bruce, R. V. (1990). *Bell: Alexander Graham Bell and the conquest of solitude*. Ithaca and London: Cornell University Press.
- Carvalho, I. (2003). *Protetização auditiva*. Revista do Conselho Federal de Medicina, Recuperado em 2 de maio de 2015 de
http://www.portalmedico.org.br/jornal/jornais2002/Dezembro/pag_13.htm
- Diwan, P. (2007). *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Contexto.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes.
- Kehl, R. (1923). *A cura da fealdade: eugenia e medicina social*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores.
- UOL Educação. *Biografias. Inventor escocês. Alexander Graham Bell*. Recuperado em 2 de maio de 2014 de <http://educacao.uol.com.br/biografias/alexander-graham-bell.htm>
- Silva, L. M. (2006). O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, 11(33), p. 424-561.
- Skliar, C. (1998). Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação.
- Stancik, M. A. (2006). Eugenia no Brasil nos tempos da Primeira República (1889-1930): a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos. *Espaço Plural*, Ponta Grossa, 6(14), 32-35.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes.

¹ A tradução, não juramentada, do livro foi realizada por Morena Dolores Patriota da Silva, conjuntamente com Patrícia Papazoglou.

² Os termos *surdos-mudos (deaf-mutes)* e *surdo e mudo (deaf and dumb)* são utilizados neste artigo por serem termos empregados no decorrer do livro de Bell (1883).

³ “However imperfect may be the records of the marriages of the deaf it is abundantly evident, (1) that there is a tendency among deaf-mutes to select deaf-mutes as their partners in marriage; (2) that this tendency has been continuously exhibited during the past forty of fifty years, and (3) that therefore there is every probability that the selection of the deaf by the deaf in marriage will continue in the future. It is evident, then, that we have to consider, not an ephemeral phenomenon, but a case of continuous selection” (Bell, 1883, p. 19).

⁴ “The brothers and sisters of a deaf-mute area about as liable to have deaf-mute children as the deaf-mute himself, supposing each to marry into families that have or each into families that have not shown a predisposition toward deaf-dumbness” (Bell, 1883, p. 24).

⁵ “We have good reason, therefore, to fear that the intermarriage of congenital deaf-mutes, even though the deafness in both cases might be sporadic, would result in many cases in the production of deaf offspring” (Bell, 1883, p. 12).

⁶ A palavra *segregation* é frequente na obra de Bell. Nesse trabalho foi traduzida como *segregação* e mantida nas paráfrases feitas, por nós, do texto de Bell.

⁷ Ex-estagiário da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, do Hospital Lariboisiere, da Faculdade de Medicina e Farmácia da Universidade de Bordeaux e do Projeto Hope.

⁸ “Then a number of years afterwards a deaf-mutes publicly urged the formation of a deaf-mute commonwealth. Congress was to be petitioned to form a deaf-mute state or territory [...]” (Bell, 1883, p. 45).

⁹ “It was urged that the natural affection of the parents would lead to the distribution of the land among their children, and that as the majority of their children could hear and speak the land would soon pass out of the control of the deaf-mutes themselves. This was to be remedied in various ways – as, for instance, by legislation – so as to secure descent in the deaf-mutes line alone” (Bell, 1883, p. 45).

¹⁰ “Since then the subject has not been publicly discussed, to my knowledge; but such a scheme is still favored by individual deaf-mutes, and may therefore be revived in organized shape at any time” (Bell, 1883, p. 45).

¹¹ “Under such circumstances we might anticipate that a very few generations would suffice for the establishment of a permanent race of deaf-mutes with a language and literature of its own” (Bell, 1883, p. 44).

¹² “It is a significant fact ‘before the deaf and dumb were educated comparatively few of them married’; and intermarriage (if it existed at all) was so rare as to be practically unknown. This suggests the thought that the intermarriages of the deaf and dumb have in some way been promoted by our methods of education” (Bell, 1883, p. 41).

¹³ “The segregation of deaf-mutes, the use of the sign-language, and the employment of deaf teachers produce an environment that is unfavorable to the cultivation of articulation and speech-reading, and that sometimes causes the disuse of speech by speaking pupils who are only deaf” (Bell, 1883, p. 48).

¹⁴ “For instance, deaf-mutes could profitably enter the same classes with hearing children for practice in writing, drawing, map-drawing, arithmetic on the black-board, sewing, &c. For other subjects special methods of instruction would be necessary, and these demand the employment of special teachers. They do not, however, necessitate special schools or buildings, and a small room in a public school building would accommodate as many deaf children as one teacher could successfully instruct” (Bell, 1883, p. 46-47).

¹⁵ “[...] (1) segregation for the purposes of education, and (2) the use, as means of communication, of a language which is different from that of the people” (Bell, 1883, p. 46).

¹⁶ “Coeducation” (Bell, 1883, p. 46).

¹⁷ “[...] complete coeducation would only therefore be possible by a change in the methods of teaching gearing children” (Bell, 1883, p. 46).

¹⁸ Nota-se como Bell reconhecia a complexidade da formação de professores ouvintes fluentes em sinais – admitia que seria necessário pelo menos 1 ano de contato direto dos futuros professores com os surdos

em uma instituição de surdos no campo de formação de professores, portanto, a posição de Bell era muito mais avançada do que de alguns estados ou municípios que atualmente aceitam cursos de 120 horas, ou menos, nos editais de concurso público para contratação de professores bilíngues, desde que esses cursos sejam reconhecidos pelo MEC; ou mesmo, aceitam o título de especialista obtido em instituições credenciadas e que não formam professores bilíngues.

¹⁹“[...] propagation of their physical defect” (Bell, 1883, p. 44).